



PROCÓPIO DE CESAREIA E A DESCRIÇÃO DOS LÍDERES BÁRBAROS NA OBRA *HISTÓRIA DAS GUERRAS*

Stephanie Martins de Sousa¹

Resumo: Procópio de Cesareia foi um historiador bizantino que escreveu a obra *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554, que narra as campanhas militares empreendidas pelo imperador Justiniano I que visavam a reincorporação da Península Itálica e do norte da África ao domínio romano. Nos seus escritos, chama a atenção a caracterização dada pelo historiador aos grupos bárbaros que estavam em contato com os romanos durante as guerras, em especial godos e vândalos. O objetivo desse artigo é analisar a construção da imagem nos líderes bárbaros envolvidos nas lides bélicas, com o intuito de demonstrar que houve uma mudança da percepção do historiador ao longo da obra sobre os confrontos e a atuação desses personagens, principalmente com relação ao imperador Justiniano e ao seu governo.

Palavras-chave: Procópio de Cesareia, Justiniano I, Imagem, Líderes bárbaros.

Dossiê

I – INTRODUÇÃO

Procópio de Cesareia é um dos principais historiadores da Antiguidade Tardia, suas obras são consideradas as maiores fontes² sobre o século VI e o imperador Justiniano³. Seus trabalhos são bastante heterogêneos e trazem informações sobre praticamente todas as esferas de seu governo, desde as guerras empreendidas contra os povos além das fronteiras de Bizâncio,

1 Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, bolsista CAPES, sob a orientação do Professor Fábio Duarte Joly. E-mail: stephannemartins@hotmail.com.

2 Averil Cameron destaca que as obras do historiador são o filtro pelo qual os estudiosos veem o governo de Justiniano e, apesar da sua importância, ainda há poucos estudos sobre Procópio. (CAMERON, 1996, p. x.)

3 Além de Procópio, outros autores contemporâneos ao imperador escreveram sobre o seu governo, trazendo mais informações e possibilidades interpretativas sobre o período em questão. Dentre esses autores podemos citar Agatias de Mirina, João Malalas, João Lídio, Paulo Silenciário e Agapito.

reformas arquitetônicas⁴ e a crítica dos mesmos eventos na *História Secreta*⁵.

O historiador nasceu por volta de 490-507 d.C. em Cesareia (PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1), na Palestina, cidade conhecida por ser um grande centro intelectual no século IV e por sua atividade portuária e comercial, na qual teve acesso a uma rica educação baseada nos autores clássicos, o que influenciou e moldou seus trabalhos. Foi nomeado⁶ por Justiniano como conselheiro do general Belisário, comandante militar do Oriente, durante as guerras que ficaram conhecidas historiograficamente com *Guerras de Reconquista*⁷. Esses confrontos buscaram reestabelecer o controle político nos antigos territórios do Império Romano⁸, que estavam sob o domínio dos povos ditos “bárbaros” (godos, vândalos, francos e lombardos), nas fronteiras da Europa Ocidental, no norte da África e contra os Persas no Oriente. Por



4 Além da *História das Guerras*, o historiador escreveu a coleção de livros *Sobre os Edifícios* (em grego Περὶ Κτισμάτων e em latim *De Aedificiis*), publicada em 558, que exalta o imperador e suas obras públicas, por isso é repleto de elogios a Justiniano e de listas imprecisas dos trabalhos de restauração e construção realizados em Constantinopla e nas regiões mais afastadas da capital do Império. Dos trabalhos do historiador esse é o mais estudado pela arqueologia, sendo a principal fonte sobre o programa de construções e de fortificações de Justiniano.

5 Também escreveu a obra *História Secreta (Anekdotá)*, provavelmente em 551, na qual ataca abertamente Justiniano e seu governo, assim como a imperatriz Teodora, o general Belisário e sua esposa Antonina. É o trabalho mais contraditório de Procópio, sendo uma das maiores dificuldades encontradas pelos historiadores que estudam suas obras pensar em uma ligação entre os seus três trabalhos e a sua relação com a sociedade e a cultura do século VI (CAMERON, 1996, ix).

6 Em 527 d.C. (PROCOPIUS. *Pers.* 1.7.23-24).

7 Renato Viana Boy, em sua tese de doutorado, discute o uso da ideia de “reconquista” pela historiografia para tratar as guerras de Justiniano. Para o autor, o imperador não desejava “reconquistar” esses territórios, mas reorganizar as relações de poder que haviam sido temporariamente estremeçadas. Além disso, Procópio não faz uso dos termos “reconquista”, “restauração” ou “recuperação” em suas narrativas. Tais definições: “[...] seriam frutos de uma construção historiográfica que se utiliza das *Guerras* embora não estejam presentes nos textos procopianos. Mas há um fator complicador em nossa análise: se, por um lado, o historiador não fala das guerras nos termos que encontramos na historiografia, por outro não encontramos em seus escritos nenhuma nomenclatura que classifique a natureza das guerras promovidas por Justiniano contra os godos na Itália. Analisando a *História das Guerras*, é possível perceber que a ideia de uma “Reconquista” seria mesmo inconcebível para seu autor. Isso porque, na *Guerra Gótica*, Procópio fala dos territórios do Mediterrâneo (e, entre eles, a Itália e o norte da África) como domínios ainda subordinado ao poder imperial central no século VI. [...], se para Procópio, os acontecimentos de 476 não representaram o “Fim do Império”, não haveria motivos para que então, durante o governo de Justiniano, ele fosse “Reconquistado”. (BOY, 2013, p.129). Desse modo, as ideias de Boy sobre as guerras de Justiniano como uma tentativa de reorganização das estruturas de poder encontram ampla influência no escopo desse artigo.

8 Quando falamos do Império Romano ou dos próprios romanos neste artigo nos referimos ao império historiograficamente conhecido como Bizantino. Os bizantinos se autodenominavam como romanos e se consideravam herdeiros diretos da antiga Roma. As referências a Bizâncio na obra *História das Guerras* tratam exclusivamente da capital Constantinopla e não de toda a extensão do Império.

ter acompanhado o general durante esse período, foi testemunha ocular dos acontecimentos que descreveu. Segundo Procópio:



Além disso, ele não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque lhe coube, quando foi apontado como conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos (PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.3).

A coleção de livros *História das Guerras*, (em grego *Υπερ των Πολεμων*), foi publicada entre 551 e 554 e traz os registros feitos por Procópio durante essas campanhas militares. A obra foi dividida em oito volumes: dois foram dedicados à Guerra Persa, outros dois à Guerra Vândala, três à Guerra Gótica e o último livro, adicionado posteriormente, traz informações tardias sobre esses eventos⁹. É uma escrita da história de tipo secular, na qual o historiador utilizou como modelo os trabalhos de Heródoto e Tucídides, pois descreveu os grandes feitos do seu tempo para que esses não fossem esquecidos e escreveu sobre os eventos que presenciou devido a sua posição privilegiada junto a Belisário. As influências clássicas do autor não negam o fato dele ser cristão, com preocupações e questões próprias do seu tempo.

Procópio de Cesareia escreveu sobre as guerras que Justiniano, o imperador dos romanos, empreendeu contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos, a fim de que o longo curso do tempo não possa oprimir os feitos de singular importância por falta de um registro e, assim abandoná-los ao esquecimento totalmente (PROCOPIUS. *Pers.* 1.1.1).

Entretanto, o historiador não pode acompanhar todos os fatos que descreveu na *Guerra Gótica*, por isso, alguns trabalhos sobre o autor mostram que há algumas variações na forma como ele abordou as campanhas na Itália em comparação com as outras expedições na Pérsia e no Norte da África. Segundo Averil Cameron (1996, p.7), há uma mudança de entusiasmo do historiador ao longo de sua narrativa, que possuía um excitamento jovial nos primeiros anos dos confrontos passando para um estado de desapontamento com os rumos das guerras, com Justiniano e Belisário.

9 Segundo Procópio, o oitavo livro não seguiu a mesma divisão dos anteriores, devido ao fato deles já terem sido publicados e divulgados pelo império: "Na narrativa que compus até agora, na medida do possível, separei o material em partes, que relatam separadamente as regiões em que as guerras ocorreram, e essas partes já foram publicadas e apareceram em todo o Império Romano. Mas deste ponto em diante eu não vou seguir esse princípio de organização. Como os meus escritos já apareceram para o público, eu não sou mais capaz de adicionar em cada um, os eventos que ocorreram depois" (PROCOPIUS. *Goth.* 8.1.1).



Anthony Kaldellis não compartilha da mesma opinião de Cameron. Segundo o autor, não é possível encontrar esse entusiasmo jovial nos primeiros livros da obra, pois há um considerável número de críticas negativas a Justiniano desde o início. Para Kaldellis, Procópio pode ter sido favorável à política imperialista do imperador, mas com o passar do tempo tornou-se contra as guerras devido aos resultados e aos altos custos desses combates, bem como à incompetência das tropas e de seus generais. Dessa forma, a *História das Guerras* seria um documento contrário às guerras, talvez simpático à sua política imperialista, mas contra a maneira que foi empreendida por Justiniano. James Allan Stewart Evans (1970) e Charles Pazdernik (2010) também ressaltam que Procópio não era a favor das guerras e apesar do notável otimismo nos primeiros livros, suas narrativas se transformam em um pessimismo e em uma crítica velada, na qual o historiador “chega à conclusão de que Justiniano não era um rei, mas um tirano e não representava Deus como haviam feito os imperadores desde a época de Constantino” (EVANS, 1970, p. 219).

Desse modo, podemos perceber que houve uma mudança da perspectiva de Procópio com relação as guerras e aos personagens envolvidos nesses confrontos ao longo de sua narrativa. Devido a *História das Guerras* ter sido publicada enquanto esses personagens ainda estavam vivos, o autor não pode criticar abertamente o imperador e seus empreendimentos militares, fazendo-as de forma velada e de uma maneira que leve ao leitor a deduzir que tipo de governante era Justiniano. Portanto, propomos analisar como o historiador descreveu as relações do Império com os povos bárbaros que estavam envolvidos nas lides bélicas e como Procópio construiu a imagem dos reis godos. Veremos, que ao contrário de Justiniano que vai sendo descrito de forma mais crítica, os líderes bárbaros passaram a serem vistos de uma maneira mais positiva, como resultado dessa transformação na forma pela qual Procópio compreendia o poder imperial e o governo de Justiniano.

II – ANÁLISE DOS CONCEITOS DE “BÁRBARO” E “ROMANO”

Dentro da historiografia sobre a Antiguidade Tardia, há um grande debate envolvendo os conceitos de “bárbaro” e “romano” e como essas diferenciações funcionavam como forma de distinção social, cultural e econômica dentro deste período. Segundo Patrick J. Geary (2005) em *O mito das nações*, o conceito de “bárbaro” era uma “categoria inventada, projetada numa variedade de povos, que continha todos os preconceitos e suposições de



séculos de etnografia e imperialismo” (GEARY, 2005, p. 65). Exceto para os persas, que eram reconhecidos pelos romanos como uma grande civilização, os outros povos, que estavam situados além das fronteiras imperiais, foram classificados em categorias generalizantes e estereotipadas herdadas de uma longa tradição etnográfica e discursiva do mundo clássico. Para Geary, a identidade romana era uma categoria constitucional, que foi criada de uma forma interna, baseando-se em uma cultura e tradição intelectual comuns, em uma inclinação para fazer parte de uma mesma tradição política e econômica e de um sistema legal. Por mais que houvesse características comuns, não existia uma etnia romana. Desse modo, mesmo que os escritores romanos enfatizassem as diferenças entre esses dois conceitos, um não excluía o outro, um indivíduo poderia ser romano e bárbaro ao mesmo tempo.

Dentro da mesma linha de pensamento de Patrick J. Geary, o historiador austríaco Walter Pohl (1998, 2003) destaca que os grupos étnicos não poderiam ser delimitados e distinguidos de forma clara, visto que a etnicidade não era uma característica inata, uma condição natural e sim resultado de uma prática social que foi reproduzida, promovida e preservada, fortalecendo os laços que mantinham unidos esses grupos. Na Antiguidade Tardia, a etnicidade tinha uma dupla função: de integração e distinção. Para o autor, etnia refere-se a ser diferente: ser um godo ou um franco era ser distinto dos outros povos e se orgulhar disso. Desse modo, as fontes romanas e gregas não tratavam as identidades étnicas bárbaras com precisão; os autores classificavam e catalogavam esses costumes e as diferenças entre os povos, mas o modo pelo qual esses autores obtinham essas informações e a forma pela qual foram transmitidas não era adequada, ao menos não a ponto de podermos confiar totalmente em seus relatos.

De acordo com Guy Halsall (2007, p.38), “o único fator comum para definir etnia é a crença: na realidade de seu grupo e na diferença com os outros. Etnia é cognitiva um estado de espírito”. O conceito de etnicidade é fluido e multifacetado. O autor destaca que o conceito romano de “bárbaro” derivava dos gregos, os bárbaros eram aqueles que viviam fora dos limites do Império e se opunham ao domínio romano. Para Halsall é importante notar que uma das principais características dos bárbaros era a sua incapacidade de viver de acordo com a lei.

Daniele Garlindo Gonçalves Silva e Maurício da Cunha Albuquerque ressaltam que as nomenclaturas utilizadas para denominar ou classificar um grupo social possuem um:



[...] potencial estereotipador, tanto em seu tempo quanto, ao serem (re)interpretadas em tempos posteriores. Isso se deve a todas as construções históricas, ideológicas e sociais atreladas à determinada expressão em especial. Isso se torna claro ao examinar o caso dos germanos antigos (SILVA; ALBUQUERQUE, 2015, p.354).

Em nossa pesquisa, concordamos com as análises sugeridas por Geary (2005) e Pohl (2003), e entendemos o conceito de “bárbaro” como uma categoria inventada e projetada sobre os povos situados além das fronteiras. Para os romanos era mais fácil compreender e interagir com essas populações quando vistos como grupos étnicos homogêneos do que como grupos fluidos e complexos como a população romana. Dentro da obra de Procópio, podemos perceber que o autor não se preocupou em distinguir esses povos bárbaros, não se atentando para as características e peculiaridades de cada cultura, demonstrando esses conceitos tradicionais e as categorias generalizantes e estereotipadas da historiografia greco-romana:

Agora, enquanto Honório estava à frente do poder imperial no Ocidente, os bárbaros tomaram posse de sua terra; e eu te direi quem eram e de que maneira eles o fizeram. Havia muitas nações góticas em épocas anteriores, assim como também no presente, mas as maiores e mais importantes de todas são os godos, vândalos, visigodos e gépadas. Nos tempos antigos, no entanto, eles foram nomeados Sauromatae e Melanchlaeni; e houveram alguns que chamavam estas nações Géticas. Todos estes, ao mesmo tempo que se distinguem umas das outras pelos seus nomes, como já foi dito, não diferem em mais nada. Pois todos eles têm corpos brancos e cabelos claros, e são altos e bonitos de se ver, e eles usam as mesmas leis e praticam uma religião comum. Todos eles são da fé ariana, e têm uma linguagem chamada gótica; e, parece-me, todos eles vieram originalmente de uma tribo, e foram distinguidos mais tarde pelos nomes daqueles que lideraram cada grupo (PROCOPIUS. Vand. 3.2.1-6).

Como podemos notar na citação acima, esses grupos étnicos para Procópio, eram todos iguais e só se distinguiam através dos nomes. Porém, é importante destacarmos que essas populações não possuíam características culturais, políticas, físicas, linguísticas e religiosas homogêneas como sugere o historiador. Há séculos romanos e bárbaros estavam em contato, ocasionando um intenso intercâmbio cultural e econômico, de forma que, as diferenças entre eles, não eram tão profundas. Contudo, essas interações não acabaram com as identidades regionais e étnicas. Por exemplo, os nomes germânicos ainda eram utilizados, assim como os títulos étnicos, como *rex Vandalorum* para o caso dos vândalos. Teodorico, o Grande, optou por se intitular somente de *rex*,



pois alguma definição étnica poderia ter distanciado os súditos italianos, sendo eles romanos ou não. O rei ostrogodo, durante seu governo na Itália, também optou por uma política matrimonial entre as realezas bárbaras, visando estreitar e fortalecer os laços entre os godos e as outras populações assentadas nas fronteiras imperiais (POHL, 2005, p. 455).

Da mesma forma que o cristianismo era um dos elementos primordiais da identidade romana, o arianismo também foi utilizado para fundar uma identidade comum entre os bárbaros. Segundo Patrick Geary (2001), os godos, assim como os vândalos, burgúndios e outros povos, foram arianos, sendo que essa fé se tornou intimamente identificada com o rei e seu povo. Para Danilo Medeiros Gazzotti (2016, p. 242), o arianismo tinha uma dupla função dentro destes reinos bárbaros: o primeiro “de aproximar a sua identidade a *ciuitas* romana, devido ao abandono de seus antigos cultos e a sua aproximação com o Cristianismo; depois de estabelecer uma identidade própria com a formação de uma religião romano-bárbara”.

No período de Justiniano, muitas dessas populações já haviam aderido a algumas das estruturas administrativas e econômicas romanas e tentavam manter boas relações com o Império. Segundo Robert Browning (1987, p. 101), durante o governo de Teodorico na Itália, o rei ostrogodo não governou somente os godos, mas era considerado um vice-rei do imperador e comandante das forças imperiais no Ocidente. Esta relação foi confirmada pelos imperadores Zenão e Anastácio, nunca sendo repudiada por nenhuma das partes. Devido a essa aproximação entre o poder imperial e o governo ostrogodo, Teodorico conseguiu conciliar os interesses de seu povo com a população romana que vivia na Itália, além de conseguir o apoio do tradicional e conservador Senado romano. O rei ostrogodo mostrou-se um grande admirador da cultura romana e desejava ser reconhecido como herdeiro legítimo da *ciuitas* romana.

Porém, como destacou Geary (2001, p. 122-123), devido a romanização dos ostrogodos, algumas das tradições góticas foram se perdendo, o que gerou uma reação “anti-romana” após a morte de Teodorico. Na *Guerra Gótica* há uma passagem na qual o historiador mostra que a nobreza goda, criticava a educação dada por Amalasueta, filha de Teodorico, ao seu filho Atalarico futuro herdeiro do trono godo, que não era criado nos costumes godos e sim nos romanos:

Agora Amalasueta desejava fazer seu filho se assemelhar aos príncipes romanos em seu modo de vida, e já o obrigava a frequentar a escola de um professor de letras. [...] Os notáveis godos se reuniram e chegaram a presença de Amalasueta, criticando que seu rei não estava sendo

educado corretamente no ponto de vista deles e nem para sua própria vantagem (PROCOPIUS. **Goth.** 5.2.6-12).



Na seguinte passagem da *Guerra Vândala*, Procópio retrata o estilo de vida e alguns costumes dos vândalos durante o reinado de Gelimer, apesar do autor fazer uma crítica ao excesso de luxúria, podemos notar algumas semelhanças com as práticas culturais romanas. É interessante notar que a descrição sobre o estilo de vida dos vândalos no norte da África é muito semelhante aos da elite romana em Constantinopla, descrito por Procópio na *História Secreta* (PROCOPIUS. **Arc.** 9.10; 9.15-19; 3.16; 7.5-13).

De todas as nações que conhecemos os vândalos eram os mais luxuosos, e os mouros os mais resistentes. Para os vândalos, desde o tempo em que eles tiveram a posse da Líbia, tomavam banhos todos os dias, todos eles, e gostavam da mesa cheia de todas as coisas, o mais doce e o melhor que a terra e o oceano produziam. Eles usavam muito ouro e se vestiam com essas roupas que chamavam de “séricas”, e passavam o tempo livre, vestidos dessa forma, nos teatros e hipódromos e em outras coisas prazerosas e também caçavam. E eles tinham dançarinos e mímicos e todas as outras coisas de ouvir e ver, de natureza musical ou que mereciam atenção dos homens. E a maioria deles morava em parques, que eram bem abastecidos com água e árvores; e eles tinham um grande número de banquetes, e todos os tipos de prazeres sexuais eram bastante popular entre eles (PROCOPIUS. **Vand.** 4.6.5-9).

Desse modo, de acordo com Walter Pohl, os bárbaros poderiam ser germânicos, pagãos clássicos, arianos ou mesmo católicos; e muito provavelmente eles não se importavam em se distinguir perfeitamente entre todos esses credos. Alguns enterravam os mortos com os seus bens na sepultura, outros à maneira romana, e seus costumes e trajes eram frequentemente uma mistura do gosto romano e do bárbaro. “Na cultura material do século VI, portanto, dificilmente se poderia distinguir entre germânico e não germânico” (POHL, 2005, p. 452).

Portanto, como destacou Renato Vianna Boy (2013), na obra *História das Guerras*, as descrições das populações bárbaras, poderiam oferecer argumentos para justificar e legitimar os empreendimentos militares de Justiniano. Por isso, na maioria das vezes, esses povos são descritos negativamente, sendo associados à crueldade, má administração e por não compartilharem da mesma religião oficial do império. Desse modo, Justiniano através de sua política imperialista libertaria a população romana de governos tirânicos e heréticos, como podemos verificar na seguinte passagem retirada da *Guerra Vândala*:

Mas um dos sacerdotes que eles chamam de bispos, que tinha vindo do Oriente, disse que queria ter uma palavra com o imperador. E



quando ele conheceu Justiniano, ele disse que Deus o tinha visitado em um sonho, e mandado ir ao imperador e repreendê-lo, porque, depois de realizar a tarefa de proteger os cristãos na Líbia dos tiranos, ele não tinha nenhuma razão para temer. E ainda, ele [Deus] disse: Eu mesmo irei me juntar a ele em fazer a guerra e vou torná-lo senhor da Líbia. Quando o imperador ouviu isso, ele não era mais capaz de conter o seu propósito, e ele começou a juntar o exército e os navios, e providenciou armas e alimentos, e enviou a Belisário que ele deveria estar pronto, o mais cedo possível, para atuar como general na Líbia (PROCOPIUS. *Vand.* 3.10.18-21).

Segundo Georg Ostrogorsky (1984), para Justiniano a vitória da religião cristã sobre o paganismo e as heresias era seu dever sagrado, assim como a restauração de seu poder nos antigos territórios do império no Ocidente. Para o autor, o governo do imperador marcou o apogeu da influência imperial na vida eclesiástica, pois nenhum governante havia exercido um poder tão ilimitado junto à Igreja. Apesar de todos os esforços de Justiniano, as heresias continuavam sendo um grande obstáculo para a Igreja e para as pretensões políticas do imperador, que desejava unificar todo o território em torno de uma única religião, o cristianismo. No exemplo abaixo, retirado da *Guerra Vândala*, vemos as intervenções de Justiniano nas práticas religiosas dos soldados de culto ariano que faziam parte do exército romano:

No exército romano não havia menos de mil soldados de fé ariana; e a maioria deles eram bárbaros, alguns eram da nação Euruliana. Agora esses homens foram incitados pelos padres dos vândalos com grande ardor. Pois não era permitido a eles adorar Deus da maneira que estavam acostumados, e eles foram excluídos dos sacramentos e dos ritos sagrados. E o imperador Justiniano não permitia que nenhum cristão que não aderisse à fé ortodoxa recebesse o batismo e qualquer outro sacramento. Mas durante a festa da Páscoa, quando eles não puderam batizar os seus próprios filhos com a água sagrada e nem fazer nenhum ritual desta festa (PROCOPIUS. *Vand.* 4.14.12-16).

De acordo com Renato Vianna Boy, Procópio, em suas narrativas, ao associar barbárie a heresia, concebía as guerras contra as populações arianas como uma luta pela defesa de uma fé cristã “justa”. Fornecendo um argumento fundamental a favor da intervenção de Justiniano nas regiões do Mediterrâneo: “o combate a um inimigo não-romano e não-cristão” (BOY, 2013, p. 149). Segundo Charles Pazdernik (2000), o general Belisário estava à frente de uma campanha que buscava libertar a população romana que estava sob o domínio de um governo ilegítimo e déspota. Desse modo, o Cristianismo foi um dos principais pilares da política imperialista de Justiniano, sendo utilizado para legitimar suas ações nos territórios do Ocidente, que estavam sobre o domínio de governos tirânicos e heréticos.



A seguir, nos deteremos na análise de como o historiador construiu a imagem nos reis godo na *Guerra Gótica* e como através dessas descrições Procópio conseguiu tecer suas críticas ao imperador e a sua política imperialista. Como vimos anteriormente, apesar dos povos bárbaros serem, na maioria das vezes, associados a características negativas e por não compartilharem da religião oficial do Império, há casos em que esses governantes são descritos positivamente, principalmente quando se afastam de comportamentos associados a barbárie. Nossa hipótese é que as descrições dos godos são mais favoráveis se comparamos aos outros povos, devido a uma mudança de perspectiva de Procópio com relação as guerras, gerando uma descrição destes mais positiva, como forma de criticar a política de Justiniano.

III – Os REIS GODOS

Na *História das Guerras*, os livros que compõem a *Guerra Gótica* (livros V, VI, VII e VIII) tratam das ações militares de Justiniano contra os godos na Península Itálica, entre 535 e 550. O relato se inicia com as disputas de poder na Itália que culminaram na ascensão de Odoacro, um patricio de origem hérula, e na queda do imperador Rômulo Augusto, em 476. Dessa forma, Procópio começa a desenvolver sua narrativa, descrevendo as disputas e sucessões de governo nessa região, que desencadeariam nas guerras entre o Império Romano e os godos durante o governo de Justiniano.

Para a *Guerra Gótica* escolhemos analisar os retratos de Teodorico, Amalásunta e Totila devido à importância desses personagens na narrativa e pelo fato de serem descritos de uma maneira mais positiva em comparação com os reis bárbaros dos livros anteriores. Os confrontos entre romanos e godos duraram dezoito anos e, por isso, temos uma sucessão de governantes durante as ações militares de Justiniano nessa região, a saber: Teodorico, Amalásunta, Atalarico, Teodato, Vitigis, Ildibado, Erarico, Totila e, por fim, Teia.

Após relatar como Odoacro usurpa o poder de Rômulo Augusto no Ocidente, Procópio narra como os ostrogodos chegaram ao governo na Península Itálica. De acordo com o historiador, Teodorico Amalo, o rei dos ostrogodos, a pedido do imperador Zenão, declarou guerra a Odoacro, com o objetivo de conquistar para os godos o domínio da parte ocidental do Império (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1. 10). A campanha de Teodorico na Itália desenvolveu-se entre 488 e 493 e contou com o envolvimento de vários grupos bárbaros já fixados nos antigos territórios romanos ocidentais, como os visigodos e burgúndios. Segundo Renan Frighetto (2012, p. 153), a intervenção de Teodorico na Península Itálica provocou uma autêntica movimentação de outros povos bárbaros em apoio ou oposição à iniciativa goda, já preconizando o importante papel político que desempenharia o rei ostrogodo sobre o

Ocidente romano tardo antigo. Em 493, Odoacro é assassinado pelo rei ostrogodo (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1. 25), que assume o poder na região.



Teodorico, durante seu governo, mostrou-se grande admirador da cultura romana, converteu Ravena em uma brilhante capital e buscou conciliar os interesses dos ostrogodos com os da população romana. Ao mesmo tempo conseguiu consolidar seu poder perante os outros reinos bárbaros no Ocidente, através de uma hábil política de matrimônios e de diversas campanhas militares. Assim como os vândalos, os godos se converteram ao arianismo no século IV, o que não foi um impedimento para Teodorico cultivar boas relações com a Igreja católica. Esse posicionamento do rei ostrogodo junto ao governo imperial, também foi reconhecido e elogiado por Procópio que o descreve como um grande governante, com o comportamento próximo a de um verdadeiro imperador romano:

E embora ele não reivindicasse o direito de assumir o traje ou o título de imperador dos romanos, foi chamado de *rex* até o fim de sua vida (pois é assim que os bárbaros estão acostumados a chamar seus líderes), entretanto, governando os seus próprios súditos, investiu-se com todas as qualidades que pertencem apropriadamente a quem é de nascimento um imperador. Ele era extremamente cuidadoso em administrar a justiça, preservou firmemente as leis, protegeu a terra e a manteve a salvo dos bárbaros que moravam ao redor, e atingiu o mais alto grau possível de sabedoria e coragem. Dificilmente cometeu algum ato de injustiça contra seus súditos, nem permitiu a qualquer outra pessoa realizar uma ação deste tipo, com exceção, é claro, dos godos, que distribuíram entre eles as terras que Odoacro havia concedido aos seus partidários. E embora no nome Teodorico fosse um usurpador, no entanto era verdadeiramente um imperador, não se distinguindo daqueles que ocupavam esse cargo desde o início. E o amor que sentiam os godos e italianos por ele crescia sem medidas, mesmo sendo contrário aos hábitos comuns dos homens, [...] (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 1, 26-30).

Nota-se nessa passagem que Procópio faz um retrato laudatório de Teodorico, mas ao mesmo tempo critica os godos, que distribuíram entre eles as terras que Odoacro havia concedido aos seus partidários. Dessa forma, o historiador faz questão de destacar que o comportamento virtuoso do rei não se estende aos seus súditos. Teodorico governou sobre os ostrogodos durante trinta e sete anos, sendo sucedido por seu neto Atalarico. Devido a sua pouca idade, sua mãe Amalásunta, atuou como sua regente.

Amalásunta, assim como seu pai, adotou uma política favorável aos interesses do governo imperial, teve acesso a uma rica educação baseada na cultura greco-romana, era fluente em grego, latim e gótico. Reverteu a política “anti-romana” instaurada por Teodorico, que no final de seu governo, havia



rompido com a aristocracia romana, se reconciliando com o Senado. Além disso, tentou oferecer ao seu filho uma educação como a dos romanos, porém todas essas medidas desagradaram a nobreza goda, que insistia para que o jovem rei tivesse uma educação genuinamente gótica. Na *Guerra Gótica*, Procópio também a descreve favoravelmente ressaltando suas atitudes com a população romana, porém, mais uma vez, critica o comportamento dos godos:

Agora Amalasantha, como guardiã de seu filho, administrou o governo e ela provou ser dotada de um elevado nível de sabedoria e respeito pela justiça, exibindo em grande medida um temperamento masculino. Durante o tempo que estava no poder, não infligiu nenhum mal aos romanos, [...]. Além disso, ela não cedeu aos desejos dos godos de fazerem mal aos romanos, mas restaurou aos filhos de Symmachus e Boetius as propriedades de seus pais. Agora Amalasantha desejava fazer seu filho se assemelhar aos príncipes romanos em seu modo de vida, e já o obrigava a frequentar a escola de um professor de letras (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 2. 3-7).

A insatisfação com o governo de Amalasantha aumentou e devido a sua política favorável aos romanos, sofreu com a hostilidade dos godos, que tentaram retirá-la do trono. Ao saber do complô, a rainha pede ajuda a Justiniano, para que pudesse ir em segurança a Bizâncio e, segundo Procópio, o imperador prontamente atende o seu pedido. Porém, Amalasantha consegue assassinar os conspiradores e decide voltar a Revena (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 2. 23-29). Entretanto, devido a morte de Atalarico¹⁰ e temendo seus adversários, ela se casa com Teodato, filho da irmã de Teodorico, para tentar consolidar seu poder entre os godos. Teodato se alia aos inimigos de Amalasantha, que é presa e assassinada. Ao ser informado sobre o que havia acontecido com a rainha, Justiniano envia suas tropas para a Itália dando início à guerra gótica (PROCOPIUS. *Goth.* 5. 4. 22-31).

Entre 535 e 540, a situação militar na Itália foi bastante favorável às forças romanas, que lideradas por Belisário conseguiram conquistar Nápoles, Roma e Ravena. Teodato, que é descrito por Procópio como um péssimo governante devido ao seu caráter duvidoso e seu desejo exagerado por dinheiro, foge de Ravena e Vitigis é eleito rei pelas hostes ostrogodas. Vitigis manda assassinar Teodato e, como não possuía sangue nobre, tentou consolidar sua posição se casando com Matasunta (PROCOPIUS. *Goth.* 5.11), filha de Amalasantha.

Entretanto, os romanos continuavam tendo vantagens sobre os godos, que estavam cada vez mais insatisfeitos com o seu novo rei e os rumos das

¹⁰ Atalarico foi educado de acordo com os costumes godos, que de acordo com Procópio, o incentivaram a fazer uso desmedido da bebida e de mulheres, se tornando um jovem depravado e desobediente aos conselhos de sua mãe. Devido a esse estilo de vida desregrado, morreu após oito anos à frente do governo dos ostrogodos. Cf. PROCOPIUS. *Goth.* 5.2.3-7; 5. 3. 10-13.



guerras. Por isso, decidiram oferecer a Belisário o controle sobre o Império ocidental, mas, segundo Procópio, o general era incapaz de cometer algum ato de deslealdade a Justiniano, porém fez os godos acreditarem que aceitava essa proposta, dessa forma conseguiu entrar em Ravena e captura Vitiges, enviando-o para Constantinopla como prisioneiro (PROCOPIUS. *Goth.* 6. 29. 17-40).

Porém, como dito anteriormente, o historiador não pode testemunhar todos os eventos descritos na *Guerra Gótica*, pois em 540 (PROCOPIUS. *Goth.* 6. 30. 2), retornou a Bizâncio junto com Belisário para defender a fronteira oriental dos persas. Tendo elaborado suas narrativas através de informações fornecidas por terceiros, que não são mencionados na obra, esses livros são menos detalhados se compararmos aos anteriores. Segundo Averil Cameron (1996, p.190), na *Guerra Gótica*, as narrativas do historiador se “transformam de uma entusiasmada escrita para um sentimento de tristeza e desapontamento”. Por isso, podemos notar um aumento das críticas a Justiniano, Belisário e aos rumos das guerras.

De acordo com Anthony Kaldellis (2014, p.118), em toda a *História das Guerras*, o historiador tece críticas ao imperador e ao seu governo, porém esses questionamentos aparecem de forma velada e indireta¹¹. Para o autor, não é possível que a explícita aversão de Procópio a Justiniano na *História Secreta*¹² também não esteja presente nas *Guerras*. Segundo Lyvia Vasconcelos e Renato Vianna Boy (2015, p. 139), apesar da liberdade restrita do historiador

11 Por exemplo na seguinte passagem retirada da *Guerra Persa*, na qual o rei ostrogodo Vitiges, envia um embaixador à Pérsia para tentar convencer o rei Chosroes I (531-579), a entrar em guerra novamente contra o Império Bizantino: “Pois, sendo por natureza, inovador e ambicioso de tudo que não pertence a ele [Justiniano], incapaz de cumprir o que está estabelecido, desejou assumir toda a terra, e tem se esforçado para trazer cada reino para o seu poder” (PROCOPIUS. *Pers.* 2.2.6)

12 Apesar da *História Secreta* ser uma obra que gerou inúmeros questionamentos por parte dos estudiosos do período, devido ao teor de seu conteúdo e as suas descrições escandalosas de seus personagens, uma leitura mais atenta da obra mostra que ela traz informações complementares dos eventos descritos na *História das Guerras*. Ao compararmos as duas narrativas, vemos que o historiador aproxima o comportamento de Justiniano ao de um bárbaro, como ele mesmo ressalta: “Em primeiro lugar, não tinha nenhuma qualidade que era apropriada à dignidade imperial, mas também não se importava em ajudar a preservá-las de modo a que ele se comportava como um bárbaro na sua maneira de falar, de se vestir e de pensar” (PROCOPIUS. *Arc.* 14.2). Outra comparação interessante na *História Secreta* é sobre a similaridade entre a aparência de Justiniano a de Domiciano: “Para descrever de forma concisa a sua aparência [de Justiniano]: era idêntico em quase todos os traços a Domiciano, o filho de Vespasiano, em que a maldade afetou a tal ponto os romanos que nem depois de desmembrá-lo completamente acalmou a raiva que sentiam em relação a ele, de modo que o Senado aprovou um decreto que o nome do imperador não poderia ser lembrado por escrito nem qualquer imagem sua poderia ser mantida. Assim, apenas este nome, entre todos os outros, aparece apagado com cinzel em todas as inscrições de Roma e de outros lugares que possa ter sido escrito e não parece haver nenhuma estátua dele em qualquer parte do Império Romano, a menos uma estátua de bronze pelo seguinte motivo. [...] (PROCOPIUS. *Arc.* 8.12.13-15)”.



durante a escrita de suas narrativas, é possível encontrarmos críticas às ações de Justiniano, mas de uma forma que não se configurasse numa explícita atitude de deslealdade ao governo imperial. Dessa forma, essas mudanças de perspectiva do historiador em relação aos empreendimentos militares de Justiniano estavam associadas a três fatores: “aos desdobramentos e extensão dos combates; ao distanciamento geográfico do historiador em relação aos fatos registrados; a um certo descontentamento com aspectos da política imperial de Justiniano e com algumas posturas do general Belisário”.

As críticas de Procópio se tornam mais evidentes nos livros VI, VII e VIII, ao longo de toda a narrativa o historiador escreve sobre a falta de recursos dos exércitos e a defasagem de homens, pois os exércitos bárbaros, eram numerosos em comparação aos romanos, além das guerras, terem trazido inúmeros sofrimentos e outros males à população italiana. Em um trecho retirado da *Guerra Gótica*, alguns italianos se reuniram e chegaram a Belisário para falar sobre os infortúnios a que estavam sendo submetidos. É interessante notar, que é dito que eles desejavam a proteção do imperador, porém devido aos rumos das guerras e aos seus efeitos, esse desejo mostrou-se sendo a causa desses males:

General, nós não estávamos preparados para a fortuna que nos atingiu no momento presente; pelo contrário, o que aconteceu foi completamente o oposto de nossas expectativas. Pois, depois de alcançarmos o que anteriormente tínhamos colocado em nossos corações, chegamos agora ao infortúnio presente, e percebemos que nossa opinião anterior de que nós desejávamos o atencioso cuidado do imperador era apenas loucura e o começo dos maiores males. Na verdade, este curso nos levou a tais dificuldades que, no momento presente, temos tomado a coragem de usar a força mais uma vez e armar-nos contra os bárbaros. E, embora possamos pedir perdão se entramos corajosamente na presença de Belisário - pois a barriga não conhece a vergonha quando ela não tem suas necessidades - nossa situação deve ser o pedido de desculpas por nossa imprudência; pois não há uma situação mais intolerável para os homens do que uma vida prolongada entre as adversidades da fortuna. E quanto à fortuna que caiu sobre nós, você não pode deixar de ver a nossa angústia. [...]
(PROCOPIUS. *Goth.* 6.3.13-19).

Após a vitória dos exércitos bizantinos em Ravena e a queda de Vitigis, os godos tentaram reorganizar o exército e, para isso, precisavam de um novo rei. Ildibado foi o escolhido para ocupar o trono, mas conseguiu convencer os godos a oferecerem mais uma vez o título para Belisário (PROCOPIUS. *Goth.* 6.30.16-30), que recusou novamente e voltou para Constantinopla para



liderar as campanhas contra os persas (PROCOPIUS. *Goth.* 6.30.16-30). Após a morte de Ildibado, Erarico o sucedeu, porém, o seu reinado foi curto e devido a sua tentativa fracassada de traír os godos, entregando a Itália para o imperador em troca de dinheiro e do título de patricio, foi assassinado e Totila é eleito o novo rei.

Totila aproveita a ausência de Belisário para reconstruir o reino ostrogodo. Partindo de Verona, consegue reconquistar toda a Itália com exceção de Ravena. Nesta parte da narrativa, como já dissemos acima, Procópio aparenta não estar mais entusiasmado com as guerras e as ações de Justiniano, a ponto de ver atitudes heroicas em Totila, que, apesar de toda a destruição que causou quando sitiou Roma, é descrito como um grande guerreiro e rei, que não teve atitudes de um inimigo e muito menos de um bárbaro:

Agora, quando Totila capturou Nápoles, ele fez uma demonstração de bondade para com os seus cativos, o que não era esperado de um inimigo, nem de um bárbaro. Por ter encontrado os romanos doentes, devido à fome - e, de fato, suas forças corporais já haviam sido reduzidas por ela - ele temia que, se de repente se saciassem com comida, eles provavelmente se engasgariam até a morte, e assim ele planejou o seguinte plano. Colocou guardas tanto no porto como nos portões, deu ordens para que ninguém saísse da cidade. Ele próprio, com uma parcimônia prudente, estava dando toda a comida a eles, mas menos do que ansiavam para encher o seu apetite, e a cada dia ele colocava uma pequena quantidade de forma que não parecesse que ele estava colocando mais. E somente depois de ter reconstruído suas forças abriu os portões e permitiu que cada homem fosse para onde quisesse (PROCOPIUS. *Goth.* 7. 8.1-5).

Após os avanços dos ostrogodos, Belisário é enviado novamente à Península Itálica. Em 546, Totila sitia Roma pela segunda vez e consegue reconquistar a cidade. Segundo Procópio, as tropas romanas não conseguiram deter os ostrogodos devido à pouca quantidade de soldados e pela falta de recursos. No ano seguinte, os romanos conseguem recuperar a cidade novamente. Mas Belisário, a pedido do imperador, volta a Constantinopla e Narses assume o comando das tropas. Os combates entre os romanos e godos continuam e após a morte de Totila, Teia assume o trono godo, porém seu governo dura poucos meses e Procópio descreve a batalha heroica em que o último rei ostrogodo foi morto:

Aqui se descreverá uma grande e notável batalha e o heroísmo de um homem que não era inferior, penso eu, a nenhum dos heróis das lendas, isto é, o que Teias mostrou na presente batalha (PROCOPIUS. *Goth.* 8. 35.20).



O último livro da *Guerra Gótica*, não traz o final das campanhas contra os godos, que é descrita vinte anos mais tarde pelo historiador e poeta Agathias na sua obra *Histórias*. Acreditamos que apesar da *História das Guerras* ser uma obra que pode ser inserida junto ao projeto do imperador de retomar o controle político nesses territórios que estavam sob o domínio bárbaro, uma análise mais criteriosa pode revelar diferentes caminhos interpretativos, que podem ser compreendidos como críticas às ações imperiais. Principalmente, nos últimos livros que foram escritos quando o historiador não estava mais presente com Belisário nos campos de batalha. Como já destacamos, as críticas são feitas de forma indireta e na maioria das vezes colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, mas esses questionamentos poderiam ser as próprias críticas e opiniões pessoais de Procópio em relação a Justiniano. Portanto, a escrita de Procópio apresenta um imperador com características contraditórias, em especial nas *Guerras* e na *História Secreta*, por conta de mudanças do próprio autor na perspectiva com a qual olhava para o poder imperial de Justiniano. O que refletiu nas suas descrições sobre os líderes bárbaros, principalmente nos godos, que foram retratados de forma mais positiva se compararmos com os líderes dos livros anteriores, devido a essas transformações que o historiador passou durante esse longo período de combates e ao seu descontentamento com o imperador, seu governo e seus generais.

Abstract: Procopius of Caesarea was a Byzantine historian who wrote *The History of Wars*, published between 551 and 554, in the work he narrated the military campaigns promoted by Emperor Justinian I which aimed at the reincorporation of the Italic Peninsula and North Africa to Roman rule. In his writings, draws attention the characterization given by the historian to barbarian groups who were in contact with the Romans during the wars, in particular Goths and Vandals. The objective of this article is to analyze the construction of the image of the barbarian leaders involved in the war, with the aim of demonstrating that there was a change in the historian's perception throughout the work about the confrontations and the performance of these characters, especially with respect to Emperor Justinian and his government.

Keywords: Procopius of Caesarea, Justinian I, Image, Barbarian Leaders.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

PROCOPIUS. *De Bello Gothico. History of the Wars. The Gothic War*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.



- _____. **De Bello Vandalico. History of the Wars. The Vandalic War.** English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.
- _____. **De Bello Persico. History of the Wars. The Gothic War.** English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.
- _____. **Anedocta.** English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press. 2006.

Obras de referência

BOY, Renato V. **Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica:** da “Queda de Roma” ao período de Justiniano. Tese de doutorado, USP: São Paulo, 2013.

_____; BAPTISTA, Lyvia V. A construção de uma narrativa: os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano. **Revista Teoria da História**, Ano 7, Número 13, 2015, p. 125-143.

BROWNING, Robert. **Justinian and Theodora.** London: Thames and Hudson, 1987.

CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century.** London: Duckworth, 1996.

_____. **The Mediterranean World in Late Antiquity.** London/ New York: Routledge, 1996.

_____. **Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse.** London: University of California Press, 1994.

EVANS, James A. Justinian and the historian Procopius. **Greece & Rome**. vol. 17, n. 2, 1970, p. 218-223.

_____. **The Age of Justinian. The circumstances of imperial power.** New York: Routledge, 1996.

FRIGUETTO, Renan. **A Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II-VIII).** Curitiba: Juruá, 2012.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações. A invenção do nacionalismo.** Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

_____. Barbarians and Ethnicity. In: Bowersock, G. W.; Brown, Peter; Grabar, Oleg (Ed). **Interpreting Late Antiquity: essays on the postclassical world.** Massachusetts: Harvard University Press, 2001, p.107-129.

GREATREX, Geoffrey. Perceptions of Procopius in Recent Scholarship. **Histos**, 8, 2014, p. 76-121.

HALSALL, Guy. **Barbarian Migrations and the Roman West, 376 -568.** New York: Cambridge University Press, 2007.

KALDELLIS, Antony. Procopius’ *Persian War*: a thematic and literary analysis. In: MACRIDES, Ruth (ed.). **History as literature in Byzantium: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies, University of Birmingham, April 2007.** Aurrey: Ashgate, 2010, p.253-273.

_____. **Procopius of Caesareia: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity.** Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004.

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological association**. vol. 130. Emory University, 2000, p. 149-187.



POHL, Walter. El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K. y ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Madrid: Ediciones Akal, 2003, p.35-49.

_____. Strategies of Distinction. In: POHL, Walter; REIMITZ, Helmut (org.). **Strategies of Distinction: The Construction of the Ethnic Communities, 300-800**. Leiden: Brill, 1998, p.02-15.

_____. Justinian and the Barbarian Kingdoms. In: MASS, Michael. **The Cambridge Companion to the Age of Justinian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.448-476.

OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984.

SILVA, Daniele G.; ALBUQUERQUE, Maurício. Bárbaros ou/vs romanos? Sobre identidades e categorias discursivas. **Mirabilia** (Vitória. Online), vol. 21, 2015, p. 345-359.